

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Curso de Jornalismo

Índice

# Espia

a revista do energia

Ildo Francisco Golfetto

Categoria: Práticas Editoriais  
Suporte: revista e internet  
Semestre: 2002/2

Relatório sobre o trabalho apresentado no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof. Ricardo Barreto e co-orientação da Profa. Regina Carvalho.

Florianópolis, fevereiro de 2003.

# Índice

Idéias iniciais .....	3
Atividades .....	4
Projeto Editorial e Gráfico .....	7
Peças Produzidas .....	10
Dificuldades .....	13
Conclusão .....	16
Anexos.....	17
Bibliografia .....	19
Agradecimentos.....	20

# Idéias iniciais

Na sétima fase quando falei com o Karam sobre o meu projeto de conclusão levei uma listinha com seis propostas variadas, desde trabalhos em vídeo até assessoria de imprensa. Acredito que o surpreendi com “tantas” opções, ao contrário do que geralmente acontece. Entre elas estava o desenvolvimento de um sitio para a cantora Adriana Calcanhot(t)o e a implementação de uma revista bimestral para o Curso e Colégio Energia, empresa em que trabalho. Infelizmente o sitio não aconteceu, pois meus contatos no Rio de Janeiro, refúgio da cantora gaúcha, não vingaram e também por não conseguir falar diretamente sua assessora, apesar dos e-mails e telefonemas. Desse jeito, parti para o projeto mais palpável, a revista, que teria uma tiragem garantida de no mínimo dois mil exemplares por edição.

A proposta era editar uma revista a partir das produções do Laboratório de Comunicação, uma atividade extracurricular oferecida pela escola. No início, achei que a ex-colega Giovana Silva seria minha parceira no projeto, pois chegou a freqüentar uma ou duas reuniões do Laboratório. Isso não aconteceu e já estavam prestes a contratar um estudante de jornalismo da Unisul para orientar os alunos, quando me propus a assumir essa responsabilidade.

Foi uma feliz coincidência, porque não enfrentei o grande problema dos projetos gráficos e editoriais desenvolvidos no curso: conseguir dinheiro para imprimir as três edições exigidas.

## Systematização

Uma das primeiras providências foi dividir as tarefas de cada integrante do coletivo de redação, e-mail, assessoria de imprensa etc. Outra coisa que foi feita foi entregar para cada um dos membros da revista livros (de poesia) e folders sobre o projeto de conclusão de curso para que eles pudessem fazer o material escrito no Laboratório. Não era possível ter uma revista bimestral em 2002.

No início das atividades de 2002, fizemos reuniões de estudo de texto para avaliar a qualidade do texto produzido, não sendo possível adotar para passar para a edição.

Um dos primeiros passos foi fazer um manual com regras para a escrita dos textos, incluindo a formatação, espaçamento, alinhamento etc., a fim de evitar com a redação produzida nos dias de hoje, porém ficou claro no decorrer que as regras não foram seguidas.

## Produção

Inicialmente, enfrentei o desafio de conseguir transmitir aos alunos que eles não podiam fazer apenas textos de ficção, poesia ou supostos próprios. Além disso, não se tratava apenas de textos para eles, e sim para diferentes camadas de pessoas. Tentei mostrar que era possível mostrar que não havia apenas um lado da moeda, que a corrupção é propiciada e que os benefícios são para todos.

Outro ponto que tentei transmitir que o uso frequente de palavras e expressões vagas não ajuda, todos, alguns, e demais (muita) são palavras que qualquer pessoa pode usar e não há a real diferença nos olhos do leitor, não sendo a intenção de ele saber por

# Atividades

## Primeiros contatos

Ultrapassado o obstáculo financeiro, passei freqüentar as reuniões semanais do Laboratório que já aconteciam há quase um mês. Peguei o bonde andando e me deparei com quase 30 alunos, orientados pelas professoras de redação, Fátima Goulart, e de gramática, Marisa Stochi. A turma estava dividida em quatro grupos, alguns já pautados e com responsabilidade de produzir materiais sobre um conjunto específico de assuntos. Um grupo não deveria escrever sobre assuntos pertencentes a outro para não haverem brigas. Além disso, o nome já havia sido escolhido: Espia. Torci o nariz, principalmente porque a intenção inicial dos estudantes era fazer um arremedo ilhéu da revista Veja, que, coincidentemente, naquele ano começou a ser distribuída aos alunos. Nunca pensei em ter meu TCC com um nome desses. Convenci-os fazer um brain-storm para ver se não aparecia nome melhor. Foram dezenas de sugestões e nenhuma que servisse. Só o tempo me fez digerir a idéia.

## Encontros semanais

As reuniões aconteciam todas as quartas-feiras das 14:00 às 16:30 em uma sala de aula da escola. Era comum ficarmos até o final da tarde trabalhando. Nesse período eu pautava os alunos, direcionava suas produções, corrigia, copidescava e reescrevia textos e, às vezes, tentava convencer alguns a refazê-los.

## Sistematização

Um das minhas primeiras providências foi distribuir fichas de cadastramento solicitando nome, telefone, e-mail, assuntos de interesse e etc. Outra coisa que fiz foi entregar uma crônica que encontrei na revista Bravo (ver anexo) falando sobre o quanto as pessoas se queixam: o problema básico de quase todo o material escrito no Laboratório. Só na primeira revista já haviam seis críticas.

No início das atividades de 2002, utilizei outro texto, O Pulo do Gato (ver anexo), para mostrar a concisão do texto jornalístico, não sendo preciso adjetivar para passar mais emoção.

Complementarmente redigi um breve manual com regras para a entrega dos textos, tamanho de fonte formatação, espaçamento, alinhamento, etc., a fim de tentar usar a métrica aprendida nas aulas de Edição, porém foram raros os casos em que os textos vieram nesse formato.

## Produção

Jornalisticamente, enfrentei o desafio de conseguir transmitir aos alunos que eles não podiam ficar escrevendo textos baseados apenas em suposições próprias. Afinal, não estavam mais escrevendo só para eles, e sim para algumas centenas de pessoas. Tentei mostrar que era preciso mais do que um texto dizendo que a Alca é uma droga, que a corrupção é preocupante e que os Beatles são muito lindos.

Durante a revisão dos textos tentava esclarecer que o uso freqüente de palavras e expressões vagas como: muito, todos, alguns, a grande maioria dos psicólogos (ou quaisquer outros profissionais) é impreciso e não dá a real dimensão dos fatos ao leitor, isso sem contar a enxurrada de adjetivos. Por

vezes dediquei tempo para explicar o porque parte do texto deveria ser cortada ou alterada. Como havia dado “muito” trabalho para escreverem “aquilo tudo” era complicado para os alunos abrirem mão disso, mesmo o texto estando ruim. Entretanto, consegui algumas vitórias, como no caso de uma aluna, tão reticente em escrever textos rebuscados, que afirmou que ninguém havia argumentado com ela de tal forma que a fizesse mudar uma linha nos textos dela. Depois que conversamos ela deixou de lado os floreios e os narizes-de-cera comuns nos seus materiais.

Outro ponto chave era a entrevista de pessoas. Raras eram as matérias em que os alunos entrevistavam um profissional ou alguém envolvido com o assunto. A maioria era fruto de leitura de revistas e pesquisas na internet. Consegui contornar esse problema na segunda edição, tanto que precisei em prestar meu gravador para algumas delas.

A parte legal da turma era a variedade de tipos. Não foi a toa que uma das matérias da primeira revista foi sobre contracultura, inspirada na variedade de “tribos” que existem no colégio. Eu me via um pouco neles, lembrava das aulas de Redação II, com o Scotto brigando por um lead de verdade, pela manutenção do tópico frasal e pela construção de matérias realmente informativas. Passei a entender, tanto as dificuldades do professor, como as dos alunos.

## Dinâmica de texto

Para desenferujar os estudantes e encoraja-los a escrever, desenvolvi uma dinâmica semelhante a que fui submetido em uma das aulas da prof. Gilka, em Redação V. Consistia no seguinte: escrever sobre um fato marcante da própria vida, preferencialmente a primeira vez que algo havia acontecido, sem se preocupar com pontuação, acentuação e erros de concordância. Eles deveriam se preocupar apenas em passar as emoções, as sensações e a repercussão do fato. Após 30 min. de trabalho, pedia para que todos parassem e comesçassem a ler os textos em voz-alta. Logo depois eu fazia uma avaliação dos pontos fortes e francos de cada texto fazendo comparação com os que estavam sendo escritos para a revista. Os resultados foram ótimos. Justamente aqueles que mais se opuseram à leitura eram os que tinham as melhores redações. Houve um texto crucial, em que um aluno descrevia sua primeira ida a missa acompanhado de seu tio. A descrição do tio e a reação dele ao ver o sobrinho pegando o dinheiro da coleta foram suficientes para ilustrar o quão chato e bitolado era, sem usar nenhum adjetivo, apenas narrando os fatos. Apliquei essa dinâmica duas vezes na sala de informática do colégio.

## Surpresa

Quando contei ao grupo que a revista não seria mais em preto e branco, e sim colorida, vi sorrisos de orelha a orelha se abrindo, inclusive das professoras. Empolgados com a novidade, o grupo acelerou a entrega das matérias, fechando, assim, a primeira revista.

## Lista de discussão

Uma das soluções para manter um contato freqüente foi a criação de um grupo de discussão disponível no sitio do Yahoo Brasil. Dessa forma trocávamos idéias, eu enviava pautas, recebia material, parabenizava os aniversariantes... Acabou servindo como uma ferramenta de socialização entre os participantes.

## Pontos na média

Dos quase trinta alunos inscritos no Laboratório de Comunicação, cerca de 10 não desenvolveram nenhuma atividade. Freqüentavam o laboratório com a finalidade de garantir o ponto na média prometido no início do ano pelas professoras. Para enxugar a redação conversei com elas pedindo que não dessem o ponto, pois estávamos deixando de dar atenção para quem realmente gostava de estar ali. Elas concordaram e por isso o número de alunos diminuiu, contudo acabaram dando o ponto aos que permaneceram.

## Salvem as professorinhas

Trabalhar com as professoras Fátima e Marisa foi edificante. No início, deram-me todo o apoio e a liberdade que precisei, permitindo que eu reorganizasse o processo de produção das matérias. Lembro ainda da Marisa dizendo para que eu não agisse tão formalmente com os alunos e que fosse mais eu. Resolvi deixar o Ildo Francisco turrão de lado e acabei fazendo ótimas amizades. Assim, cada reunião da revista parecia me revigorar, pois eu saía da minha sala para trabalhar com eles com a maior disposição.

# Projeto Editorial e Gráfico

## Projeto editorial

O projeto editorial orientou-se pelos interesses dos participantes do laboratório e da realidade da escola. O objetivo era criar uma revista com assuntos variados, perenes e que falassem do universo e das preocupações de adolescentes de forma diferenciada das revistas teens do momento. O mote principal era tentar apoiar as matérias em três pilares: foco local (Florianópolis – SC), envolvimento de adolescentes e atualidade. Exemplos claros disso são as matérias Jovens com Aids, Depressão, Todos somos preconceituosos e De malas prontas.

## Projeto Gráfico

### Logotipo

Minha intenção ao fazer o logotipo era utilizar uma formato que permitisse múltiplas possibilidades do uso de cor, preferencialmente com um tipo de fonte incomum. Assim, escolhi a El Hombre. Para dar equilíbrio visual acrescentei um pingo na letra “i”. Nem todos gostaram da criação, visto que alguns alunos esperavam um logotipo com a mesma fonte da revista Veja.

### Capa e Contracapa

A idéia da capa partiu da programação visual dos cartazes que promoveram a revista inicialmente, cuja característica principal era uma tarja horizontal “cortando” a página de fora-a-fora com um título em destaque. Como apoio decidi utilizar uma coluna lateral à esquerda para noticiar as outras matérias. No lugar da assinatura da editora, coloquei a marca da escola. A diretoria da escola não gostou e pediu que fosse utilizada a logomarca inteira em tamanho grande nas edições seguintes. Precisei negociar o “tamanho grande”, pois era impossível que a logomarca da escola fosse maior do que a da própria revista.

Na capa da primeira revista utilizei duas cores praticamente complementares e que chegavam a “doer” os olhos. A intenção era criar um incomodo visual entre o azul da palavra “contra”, italizada ao contrário, e o vermelho da tarja de fundo. A primeira opção para a imagem da capa era de um quadro pós-moderno ilustrando vários tipos de pessoas. A outra era a fotografia de uma maratona. Optei pela segunda e desfoquei-a dando a impressão de um mar de pessoas.

Na segunda revista, além da inserção do logotipo da escola, mudei os tipos utilizados, deixando-os mais adequados a programação visual interna. Mais uma vez utilizei uma imagem desfocada na capa, a fim de manter uma identidade visual. Selecionei um pedaço de uma estante de livros que aparecia em um cromo publicitário da escola.

Na indecisão do que fazer com a contracapa, procurei chamar atenção para a correspondência da revista. Não me ocorreu nada mais critativo, pois em outro momento, planejei sua venda como espaço publicitário.

### Página padrão

Na revista quis fazer uma publicação utilizando fios, que era um desafio para mim, pois nunca fui

partidário deste tipo de diagramação. Questionei-me bastante se isso não engessaria uma publicação dirigida a um público jovem. Acredito que em parte sim, mas por outro lado isso foi um recurso facilitador para organizar o caos das matérias da primeira edição. Aliado a isso, busquei utilizar cores vibrantes para quebrar a formalidade da página.

A utilização de uma página padrão com duas colunas e a possibilidade de utilização uma coluna extra na lateral externa das facilitou o encadeamento das matérias e afinizava com a proposta da capa. A vantagem da coluna extra era sua largura variável, ideal para matérias curtas, ou complementares a matéria principal.

Na primeira revista, havia duas cartolas para cada página, que as deixou poluídas. Seguindo um conselho do Barreto eliminei uma delas. Quanto aos créditos de texto, imagens e colaboração resolvi coloca-los discretamente no rodapé da página.

### **Tipos**

Tive dificuldade na escolha das fontes, pois tenho a mania de ser muito econômico no seu uso e queria fazer algo diferente do que já havia produzido. Contudo limitei o uso de dois tipos básicos: um regular e outro serifado. Assim havia duas fontes para títulos, duas para texto, duas para subtítulos e assim por diante.

As fontes que utilizei foram:

Títulos: Haettenschweiller (italizada manualmente) ou Garamond Condensed BT Bold Italic

Sub-títulos: Garamond Condensed BT e Switzerland Condensed BT Bold

Texto: Garamond Condensed Light e Switzerland Condensed Light

Cartolas: Euromode (apenas na primeira edição) e Euromode Bold Italic

Créditos: Euromode

Legendas: Switzerland Condensed Light Italic

### **Seções, cores e ícones**

Para ordenar o material dividi a revista em seções, destinando uma cor e um ícone de referência para cada uma. O propósito era fazer uma revista visualmente forte e fugir das cores do logotipo do Energia.

As seções foram inicialmente divididas em:

Abertura: englobando o expediente, índice, editorial e uma crônica ou artigo de abertura.

Institucional: destinado a matérias e notas de assuntos relacionados à escola.

Saúde: para assuntos tratando de problemas inerentes a adolescentes.

Comportamento: espaço para textos sobre atitudes sociais dos jovens.

Política, Economia e Sociedade: problemas observados na sociedade.

Astral: inserida na segunda revista, contemplando artigos sobre esoterismo em geral.

Entrevista: focando personalidades conhecidas pelos alunos do colégio.

Mídia e Entretenimento: textos sobre tv, rádio, cinema e internet.

Cultura: matérias de cunho musical, artístico e literário, com crônicas, prosas e poesias.

### **Quantidade de páginas**

Depois da seleção do material para a primeira edição, rabisquei uma provável ordem e espaço destinado para cada texto. Cheguei a conta de vinte e quatro páginas incluindo a capa e a contracapa. Na hora de ordenar as matérias, criei um esquema de páginas que me facilitou a diagramação.



## Softwares usados

Para diagramação da revista optei pelo CorelDRAW, apesar de sempre utilizar o Adobe PageMaker para este tipo de trabalho. O que determinou a minha escolha foi a facilidade em trabalhar com cores, a visualização das imagens com maior qualidade e rapidez, o uso de infográficos produzidos diretamente no programa e também o recurso de backup automático a cada dez minutos. Para o tratamento de imagens e arquivos-base da versão on-line utilizei o Adobe Photoshop. A confecção das páginas para internet foram feitas no Macromedia Dreamweaver.

## Impressão

A primeira revista foi impressa na Gráfica Coan, de Tubarão, através do sistema direct-to-plate (DTP). Foram gerados arquivos no formato PDF, enviados para gráfica com duas bonecas, uma pequena e colorida e outra em tamanho real em preto e branco. Antes da impressão, a gráfica fez duas provas para aprovação da montagem. Para a segunda edição a Coan foi descartada por causa de um impasse financeiro com o Energia. Assim, optei pela Gráfica Vicenzi, de Timbó, pelo valor do orçamento e porque já havia executado uma série de trabalhos com a mesma. Enviei os arquivos e eles fizeram os fotolitos, porém não houve prova de cor. Por isso aconteceram grandes distorções das cores originais, apesar do envio uma boneca colorida. Em ambas as edições foram impressos três mil exemplares.

## Divulgação e distribuição

A divulgação da revista foi feita inicialmente por cartazes espalhados nos murais da escola. Num segundo momento ela passou a ser feita pelos próprios alunos participantes do Laboratório. A distribuição gratuita foi feita junto com a revista Veja, que os alunos do Ensino Médio recebem semanalmente. Além disso, foram enviados exemplares para direção das outras quinze unidades do Energia e também para algumas escolas conveniadas no Estado.

# Peças Produzidas

## Revista #1

A primeira edição foi um parto. Quando entrei na revista, havia textos já escritos, mas nem todos com um enfoque informativo. Não me senti à vontade em vetá-los, pois fazia pouco tempo que frequentava o laboratório. Assim precisei adaptá-los para que adquirissem um formato de notícia e com algum interesse para os leitores.

Para piorar, a entrega das matérias coincidiu com o período dos vestibulares de inverno e com o final do primeiro semestre. Assim, a coordenação pedagógica da escola decidiu que seria melhor publicá-la no início do semestre seguinte, em agosto. Em julho, depois de selecionar o que seria publicado, reescrever algumas coisas, descartar outras, editar todos os títulos e sub-títulos, fazer o projeto gráfico e adequar tudo ele, aconteceu a tragédia: perdi todos os arquivos. O disco rígido (HD) pifou. Foi impossível publicá-la em agosto, pois já haviam outros trabalhos com maior prioridade que ela.

Com mais esse atraso a produção para o segundo número parou e os alunos estavam se sentindo enrolados com a demora. Tanto que um deles procurou a coordenação pedagógica para reclamar, pois achava que eu estava mentindo sobre a perda dos arquivos. A revista saiu no início setembro, sem uma revisão ortográfica minuciosa e com alguns erros de diagramação por pura pressa. Contudo foi uma alegria só.

## Matérias em destaque

### Nadando contra a corrente

A reportagem surgiu da idéia de comparar moda e estilo associado ao comportamento dos jovens. Depois de várias discussões, chegou-se a conclusão que a forma que os adolescentes se vestem hoje, tinha origem nos movimentos contraculturais das décadas de 50, 60 e 70. Assim, falou-se mais dos movimentos e sua contraposição às regras sociais e a idéia original ficou reduzida a um artigo complementar da matéria. A matéria foi escolhida para a capa por ser a mais extensa e com um trabalho de pesquisa mais minucioso. A diagramação em sentido horizontal, em contraposição ao resto da revista, serviu para ressaltar o assunto tratado pela matéria.

### Jovens com Aids

Devido ao índice de jovens contaminados no Estado e por ter uma das unidades do Energia participando do projeto de prevenção à Aids, a matéria se ateu ao trabalho executado e sua repercussão na comunidade.

### Corrupção já não causa polêmica e Quanto mais rápido melhor [pra quem?]

Ambas eram crônicas falando de política e economia. Foi necessário mudar a linguagem e acrescentar dados relevantes para chegar ao formato impresso.

### Bruno: curto e zen

A entrevista com o aluno do colégio e tenista Bruno Rosa, aconteceu durante os 15 minutos do intervalo de aulas e por isso a chamada para as entrevistas se tornou 15 min. de fama. O objetivo era mostrar o adolescente por trás do tenista, vencedor de inúmero de títulos.

### Curiosos. Controvesos. Polêmicos. The Beatles

O texto original tinha quatro laudas, porém a maioria das informações não tinham nada de

extraordinário. Assim, optei por destacar os acontecimentos e curiosidades da carreira do grupo nem sempre divulgadas pela mídia.

Por fim, destaque para o índice, que ficou horrível, pois foi a última coisa que fiz em plena estafa mental.

## **Revista #2**

Na segunda edição pude pautar todos e ajudar a produzir matérias mas consistentes. A redação diminuiu e junto a quantidade de matérias. Todavia a qualidade e a extensão dos textos aumentaram e consegui implementar melhor a proposta editorial nesta edição. A revista ficou mais concisa. Além disso, contei com a ajuda do Barreto, que me ajudou a ordenar o encadeamento das matérias, alternando assuntos mais sérios com os mais leves para arejar a revista. Também sugeri que eu colocasse olhos no meio das matérias, algo que ele sentiu falta na primeira.

Mais uma vez, devido aos atrasos da redação e pela quantidade de serviços, a revista foi postergada para o ano seguinte, sendo distribuída nos primeiros meses letivos.

Nessa edição a revista passou pelo setor de revisão da Gráfica Editora Energia, em que foram feitas uma série de correções.

### **Matérias em destaque**

#### **Nua, crua e dissecada**

A matéria no formato pergunta e resposta foi fruto de uma mesa redonda realizada nas dependências do colégio. Transcrita, a discussão tinha mais de 50 páginas manuscritas. Foi um ótimo trabalho de compilação. Minha preocupação maior foi criar atrativos para que a matéria não ficasse enfadonha. Assim, coloquei trechos mais interessantes do texto em cor, um recurso que o Barreto achou bastante interessante. Não há registro fotográfico do encontro porque o filme velou.

#### **Depressão – A epidemia do silêncio**

Partindo das experiências de uma aluna, esta foi a matéria que mais repercutiu na escola. Algumas mães ligaram para perguntando o telefone da psicóloga que havia colaborado na produção do texto e duas chegaram a visitar a coordenadora pedagógica preocupadas com o comportamento de seus filhos. Antes da publicação o texto precisou ser reestruturado, porque lendo novamente percebi, junto com a autora, que ele associava a depressão com desejo de morrer e suicídio.

#### **Todos somos preconceituosos**

A idéia da matéria surgiu pela baixa incidência de alunos negros no Energia e pela fixação de alguns cartazes nas portas de entrada do colégio repudiando alunos homossexuais. O autor da matéria, indignado com esses acontecimentos não mediu esforços de pesquisa e entrevista para ilustrar bem esses dois tipos de preconceito. No fim da matéria coloquei uma charge sobre o personagem Anarcaboy, que já tinha uma seqüência de argumentos para novas tiras. Infelizmente o aluno mudou de escola.

#### **Antonio deita e rola**

Coincidentemente o entrevistado foi mais um desportista cheio de títulos. A justificativa era que muitos alunos faziam aula de educação física com ele.

#### **O Yoga e Feng Shui**

Ambas as matérias estavam destinadas à sessão Astral, porém conversando com o Barreto resolvemos colocar a de yoga entre as que tratavam de preconceito e de depressão para dar uma arejada.

#### **De malas prontas**

Originalmente, a matéria de capa seria sobre intercâmbio cultural, pois dois alunos do laboratório foram para os Estados Unidos. A intenção era fazer uma cobertura completa sobre essa prática comum na adolescência. Contudo, a matéria não rendeu e restringiu-se a apenas uma página.

## Sítio

A primeira versão do sítio Espia On-Line foi publicado no início de 2002 no mesmo dia de distribuição da revista. O objetivo era disponibilizar na íntegra a entrevista com os autores catarinenses, pois era inviável fazer uma publicação adicional de quase dez páginas apenas para esse material, como era a intenção das professoras Marisa e Fátima. A página era simples, com uma programação visual bastante semelhante a versão impressa e estava estruturada em três links, um levando para a matéria em si, outro convocando os alunos a participarem do Laboratório e o terceiro era para envio de e-mails.

A segunda versão do site veio em substituição a terceira edição da revista impressa. Na página inicial coloquei chamadas para as matérias de maior destaque, dedicando um espaço maior para aquela que seria a da capa da versão impressa. A intenção é que cada matéria nova assuma esse espaço de destaque e a matéria substituída vá para a janela do lado.

Além disso, coloquei uma enquete sobre um assunto polêmico e relacionado aos estudantes, no caso, o passe-livre para estudantes.

Os links fixos (busca, edições anteriores, contato e expediente) foram colocados no alto da página. Logo abaixo os links para cada seção. De acordo com o projeto gráfico, dividi o site em seções com cores e ícones próprios para cada uma. Dentro de algumas matérias, existem hiperlinks para textos complementares que aparecem em uma janela separada da do site.

Utilizando as mesmas fontes de título, procurei manter uma identidade visual semelhante a versão impressa com um toque moderno, limpo e sem nada piscando ou pulando na tela. Outra coisa que quis fazer, e a muito custo consegui implementar, eram páginas correndo horizontalmente. Foi o que mais me tomou tempo na hora de compor as páginas. Precisei criar um modelo de documento no Word em que o número de caracteres de cada página não ultrapassasse o número máximo de caracteres de cada coluna das matérias. Infelizmente não tive tempo adaptar os textos para um formato mais conciso, como é comum nesse meio. As versões originais estão publicadas íntegra.

Dentro do projeto dessa página havia uma animação para a abertura. Um colega de trabalho, ilustrador, estava fazendo as matrizes de um desenho animado que eu viria a montar no Macromedia Flash. Infelizmente, não houve tempo fazer a arte final. A animação será implementada mais tarde.

Por ser um material para internet, tive menos problemas com as imagens, pois a resolução não é tão alta e o tratamento é bem mais simples.

## Carga de trabalho

# Dificuldades

## Atrasos

O maior de todas as dificuldades sempre foi “fechar” a revista. A proposta de uma publicação bimestral, passou a ser semestral. Em 2001 a pretensão era editar dois números e em 2002 mais três. Não foi o que aconteceu. A primeira saiu em setembro de 2001, a segunda em abril de 2002, e a terceira prevista para o final de 2002, não chegou a ser impressa por uma decisão da diretoria financeira. Por esse motivo apresento uma versão on-line do que seria o terceiro número, suprimindo a lacuna das edições mínimas. A seguir estão uma série de fatores que fizeram com que todas as edições estourassem do cronograma estabelecido no início do projeto.

## Provas e Deadline

Por estar trabalhando com os alunos, era comum o atraso na entrega dos textos devido ao calendário de provas da escola. Elas eram aplicadas mensalmente durante uma semana inteira, com as provas de recuperação na semana seguinte. Nenhum dos deadlines agendados foram cumpridos. Na primeira revista o material suficiente para edição só foi entregue três semanas depois do prazo. O atraso da segunda foi mais grave, quase um mês e meio, principalmente por ter sido feita no segundo semestre do ano, quando os alunos estão mais preocupados em não pegar recuperação do que qualquer outra coisa. Assim, para eles a revista nem sempre era prioridade.

## Perda de arquivos

Em junho de 2001, quando estava com mais da metade da primeira revista editada e diagramada perdi todos os arquivos devido a uma falha no meu disco rígido local (HD). Os textos copidescados, as imagens tratadas, a diagramação feita, tudo perdido. Não havia backup. O servidor de rede estava com falta de espaço em disco, por isso foi solicitado, pelo técnico em informática, que todos trabalhassem apenas no HD local, até que fosse feita a compra de novas unidades de disco. Assim, copiei os arquivos da rede para o meu computador e passei a trabalhar exclusivamente nele. A rede possui um sistema de backup semanal, que sobrescreve o da semana anterior. Como fazia três semanas que estava sem gravar arquivos nos discos de rede, perdi todo o serviço executado nesse período. Isso provocou um atraso completo no meu calendário de atividades, tanto que não tirei as férias coletivas daquele período e trabalhei quase mês aos sábados e domingos, justamente pelo acúmulo de coisas para fazer e refazer. A revista atrasou mais de um mês por causa disso.

## Carga de trabalho

Por trabalhar na mesma empresa em que estava desenvolvendo o projeto, tornou-se difícil muitas vezes arranjar tempo para diagramar a revista. Ela era sempre a última prioridade na lista de tarefas. Por ser uma escola envolvida com vestibulares, há dois grandes picos de trabalho, um no meio do ano e outro no final. Uma de minhas funções é o desenvolvimento de apresentações em Power Point de mais de 30 professores para as revisões programadas (quatro por ano) e os aulões de véspera de vestibular.

Além disso, faço a diagramação das páginas diárias de dicas que saem no Diário Catarinense no mês em que ocorrem os vestibulares, e também dos cadernos simulados de três fins de semana. Isso sem contar com o material de papelaria para início das aulas de cada semestre, o convite formatura dos alunos do Terceirão e os folders para o período de matrículas. Não foram poucas as vezes em que faltei aulas da faculdade para conseguir terminar o que precisava fazer. O acúmulo de serviços chegou a tal ponto que, por dois anos consecutivos, não consegui gozar as férias coletivas de julho. No fim do ano passado meu chefe até sinalizou a possibilidade de contratação de uma pessoa para me auxiliar.

## **Falta de espaço físico fixo**

No início usávamos uma sala de aula para nossas reuniões. Era muito dispersivo e não havia um registro fixo das pautas de cada um, para que todos pudessem acompanhar. Depois da distribuição da primeira revista ganhamos uma sala no Centro Cultural do Energia, que fica cerca de 300 m da escola. Lá tínhamos mais privacidade, um computador e um quadro branco para tal registro. O problema dessa vez era a necessidade de um fiscal da escola para abrir as salas do prédio e também vigia-lo enquanto estávamos reunidos. Em 2002 perdemos esse espaço devido a reformas e, novamente, passamos a nos reunir em sala de aula.

## **Falta de computador**

O fato de não ter um computador dentro do Laboratório dificultou o trabalho de correção e copy-desk. Tudo era feito manualmente, para que depois, em casa, o aluno fizesse a correção e trouxesse o texto na reunião seguinte. Quando ganhamos a sala no Centro Cultural, foi providenciado um computador, que inicialmente não funcionava. Depois do conserto, era desestimulante trabalhar com ele por ser muito lento, mesmo tendo apenas o Windows e o Office instalados. Além disso, não havia conexão com a internet, dificultando algumas pesquisas.

## **Imagens**

Na editoração uma das coisas que mais dispensava tempo era a procura de imagens adequadas para utilizar na publicação. Era inconcebível fazer uma revista apenas com blocos texto e retículas coloridas, sem nenhum apelo visual. Apesar da quantidade de catálogos de fotos no meu setor, não podia utilizá-las para não infringir direitos autorais.

Outro complicador era as fotos tiradas pelos alunos que vinham, geralmente, desfocadas ou superexpostas. No início o Laboratório de Comunicação tinha uma máquina fotográfica comum, emprestada pela coordenadora pedagógica do colégio. Depois da distribuição da primeira revista, foi comprada uma máquina semiprofissional Zenit, que ajudou mais didaticamente, do que efetivamente. Tinha planejado dar aulas de fotografia para os alunos interessados, já que uma máquina dessas era ideal, pois era do tipo reflex com controle de foco, velocidade de obturação e abertura totalmente manuais. As aulas formais não chegaram a ocorrer, mas consegui demonstrar para alguns alunos seu funcionamento.

## **Feedback indireto**

A revista praticamente não recebeu correspondências de seus leitores, porque os alunos participantes do projeto atuavam como a ouvidores in loco da revista, afinal o público-alvo eram seus colegas

de classe. Assim, os pedidos, as reclamações, as sugestões chegaram até a mim por meio dos participantes do Laboratório. Havia solicitações de todo tipo e gosto: uma sessão de fofocas, outra de piadas, contos eróticos, concurso para eleger a garota mais sexy da escola, o que aconteceria se algum prédio do Energia pegasse fogo...

## Noticias de momento

Raramente as notícias sobre eventos da escola foram publicadas por serem notícias momentâneas. Elas chegavam a ser produzidas como, por exemplo, a matéria sobre a gincana da escola. Porém a demora para a impressão da revista fazia que não a matéria perdesse a validade.

## Greve

A primeira revista saiu em plena greve dos professores da universidade. Por causa disso e pela pressa acabei fazendo-a sem orientação acadêmica. Depois de impressa procurei o Barreto, que caneteou toda a revista. Essa correção foi fundamental na hora de fazer a segunda, que ficou mais limpa e melhor editada que a primeira. Foi um salto qualitativo.

## Cores da segunda revista

A segunda edição teve um problema sério na impressão. Os leigos não chegam a perceber, mas há uma distorção grande nas cores. A Gráfica Vicenzi, em Timbó – SC, afirmou que as distorções foram causadas pela troca recente do maquinário de off-set. Segundo a minha experiência, o problema ocorreu na pré-impressão, com o fotolito, e não na máquina off-set. Ela talvez tenha apenas potencializado o problema. Mesmo assim, optou-se por não reimprimir o material.

## Publicidade e Eventos

Uma das propostas para diminuir seu custo, e talvez tornar a revista auto-sustentável, era a venda de espaços publicitários. Isso não aconteceu por falta de edições periódicas e também porque a revista concorreria com o patrocínio de eventos promovidos pela escola. Se isso chegasse a se efetivar, acredito que a terceira edição já estaria impressa.

## Problemas de comunicação

Em outubro de 2002, quando consegui efetivamente tempo para diagramar a revista fui informado que em agosto foi acertado que ela não seria mais impressa e que o material deveria ser publicado na internet. Pelo que eu sabia, isso só aconteceria em 2003, a partir da quarta edição. Fiquei pasmo. Só fui avisado porque o departamento financeiro questionou o gasto da revelação de fotos para a capa da terceira revista. Não sabia como reverter o quadro e pedir a manutenção do compromisso. Além do mais, se estivesse ciente disso, teria direcionado a produção para um sitio e não para mais uma versão impressa.

# Conclusão

Depois de fazer duas revistas e um site descobri a importância de uma edição piloto, de como é difícil produzir periodicamente uma revista e como é complicado manter uma linha editorial eficiente. Confesso, achei que seria mais fácil, justamente por já trabalhar com diagramação, criação e tratamento de imagens. Não foi.

Em parte a execução do projeto foi muito prazerosa, no que diz respeito as pessoas que conheci, a emoção de ver o trabalho de toda uma equipe realizado. Por outro lado foi bastante estressante, pois muitas vezes precisei ficar mais de doze horas dentro do escritório para dar conta de tudo, sem falar da produção em casa.

Imagino como seria difícil para outros alunos executar um projeto desse porte sem o acesso aos recursos que dispus. Primeiro porque fazer três edições preconiza um custo elevado, o que desestimula a produção de projetos editoriais e gráficos. Segundo, (não querendo dar chute em cachorro morto) que em matéria de equipamentos o Labinfo precisaria de uma atualização periódica. Os programas são sempre os mais atuais, isso não se pode reclamar, contudo os computadores não dão conta de “rodalos”. É contraditório. Durante quase todo o curso não trabalhei lá por falta de capacidade de processamento das máquinas.

Uma coisa que senti falta no curso foi uma disciplina de redação direcionada para internet, porém me surpreendi ao ver que nos horário de 2003 tal disciplina será oferecida. Acho até que vou cursa-la como aluno ouvinte se o Scotto me aceitar.

O projeto serviu para mostrar a mim mesmo minha capacidade de realização. Outro ponto forte é que, contrariando a maioria dos TCC's, ele terá continuidade, e ainda quero fazer outros números impressos.





ENS A I O

MERCADO ABERTO

## A genealogia da queixa

A cultura da reclamação tira o brilho da vida



Por Jorge Caldeira

os discursos feitos à beira do tumulto; só no enterro do Barão do Rio Branco foram dezessete oradores, a fala de dois ou três deles lançada em bolachões de 78 rotações). Agora é pregador evangélico que faz sermão em videoclipe, disputando espaço com mesa redonda de futebol e debates políticos.

É engraçado esse amor pela palavra como encantamento, quer dizer, essa capacidade de enfrentar as coisas deste mundo com um discurso infinito, como se a melopéia, e não as mãos, fosse o elemento de transformação. A história do Brasil é pobre em monumentos físicos: pouca cidade, muito casarão de fazenda abandonado. É muito pobre na iconografia; português fazia santos e mapas, mais nada — não existe um único desenho (nem de caderninho de memória caseira) da cidade de São Paulo antes do fim do século 18.

Mas é rica no hábito da fala. Pais de analfabetos (e português achava a escola desnecessária nos trópicos), tinha pajé, pregador, repentista. Tanto se falava, que muito do que sobrou escrito de seu passado distante está guardado em documentos contaminados de retórica da fala, mais que dos hábitos da escrita. No que é boa, essa contaminação aparece nos *Sermões* de Vieira ou nos sonetos religiosos de Gregório. No pior lado, em relatórios de burocratas, com seu rosário infinito das queixas desfiadas: a província é falta em tudo, os povos vivem na miséria...

Falar, aqui, é muito queixar. A queixa é um discurso com especificidades. Requer, antes de tudo, uma régua, uma medida daquilo que falta. Só existe porque algo é menos do que deveria ser — e, neste "deveria", está tudo. Se Deus aparecesse, nem por isso seria a perfeição: logo haveria alguém reclamando que ele "deveria" ter vindo mais cedo, que "deveria" ter feito um mundo em que chovesse no Nordeste (e que a comida "deveria" estar lá), que a seleção "deveria" apresentar sempre um futebol-arte eficiente. É assim porque o hábito da queixa prescinde de qualquer base empírica, é uma roda que gira sozinha sem atrito, o moto-contínuo realizado.

A alegria de viver também como determinação do indivíduo

Uma vez apareceu um boliviano na Redação onde começava minha vida de trabalhos. Um esperto logo me indicou como a pessoa encarregada de atendê-lo. Durante duas horas ele falou sobre a origem do universo, zoologia fantástica, segredos milenares, receitas culinárias. Perguntava insistente: "O que o senhor quer?". Quando finalmente rompi a barreira do discurso infinito, ele respondeu: "Que vocês publiquem tudo". A queixa, no fundo, é como a conversa desse boliviano: muito mais um fim em si mesmo que uma vontade de mexer no mundo. Daí porque fica bem melhor na oposição que na situação (sendo um perigo, em muitos casos, ser governo: é uma posição difícil para um queixoso), no comentarista que no jogador (embora muitos, quando dizem "se esforço para dar o melhor de si", colaborem com o espetáculo), no pastor que no catecúmeno.

Mas deixa um travo amargo. Exige que a realidade seja pequena, mesmo quando grande. Tira o brilho da vida, independentemente do momento. O Brasil ganhou a Copa de 94, mas dela ficou mais a queixa com o time que a sensação da vitória. Em todo caso, seduz — e cria seu próprio apelo para mais. É como este artigo: parece simpático, mas, na verdade, caro leitor, você está lendo uma grande queixa. E como chegou até aqui, reflita: será que as velhas fórmulas, nas quais a arte de atrair e manter a atenção importa mais que o conteúdo do que está sendo dito, ainda são atuais? ¶

Se Deus aparecesse, nem por isso seria a perfeição: logo haveria alguém reclamando que ele "deveria" ter vindo mais cedo



## Anexos

# *Pulo do Gato*

O grande perigo do jornalista que começa é o de cair na presunção sociológica. É claro que, tratando da sociedade, o jornalismo é também um pouco de sociologia - mas a sociologia deve ir para o lugar próprio, os artigos elaborados com mais tempo, os editoriais e tópicos e, bem digerida em um texto fluido, a reportagem.

Jornalismo é razão e emoção. O texto apenas racional é frio, e só comunica aos que se encontrem diretamente interessados no assunto. O texto deve saber dosar emoção e razão, e é nesse equilíbrio que está o chamado "pulo do gato". Muitos jornalistas acreditam que o adjetivo emociona. Enganam-se. Quanto mais despida uma frase, mais cortante o seu efeito.

"E amolou o machado, preparou o toco para servir de cepo, chamou o menino, amarrou-lhe as mãos, fez-lhe um sinal para que ficasse colado, e rachou o seu corpo em sete pedaços. O menino P, de cinco anos, não era seu filho e F. descobrira isso poucos minutos antes, quando discutia com a mulher." *Leads* como esse são sempre possíveis na reportagem de polícia: não necessitam de adjetivos. As tragédias, como os cantores famosos, dispensam apresentações.

(SANTAYANA, Mauro. *Imprensa: Jornalismo e Comunicação*, ano 1. 11:34, São Paulo.)

# Bibliografia

A Revista no Brasil. São Paulo: Abril, 2000.

CALDEIRA, Jorge. Revista Bravo. p. 26

RADFAHRER, Luli. Design/Web/Design 2. São Paulo: Market Press, 2001.

SANTAYANA, Mauro. Imprensa: Jornalismo e Comunicação. São Paulo, n. 11, p. 34.

# Agradecimentos

A minha mãe pelo aspecto transformador que exerceu na minha vida.

Aos meus irmãos por sempre estarem preocupados com meu bem estar.

Aos todos meus amigos, em particular Andréia, Marcos, Marcond e Glória por sempre me devolverem ao convívio social e pelo apoio e incentivo nas horas em que estava quase pirando.

Aos meus amigos do trabalho Fabio, Cláudio, Alessandro e Andrei pela ajuda e compreensão. E à Marlene pela confiança.

Aos professores Barreto, Regina, Karam, Aglair e Clóvis pela paciência e orientação.

Obviamente, e não menos importante, a galera da redação da revista.

Enfim, àqueles que de alguma forma colaboraram com o projeto.